

Os gestos e a direção do olhar em uma narrativa multimodal: uma análise sobre a comunicação não-verbal

Gesture and Gaze Direction in a multimodal narrative: an analysis of non-verbal communication

André Lisboa*

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil

Maíra Avelar**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil

Resumo: Este trabalho propõe analisar uma narrativa multimodal à luz dos estudos em comunicação não-verbal, considerando os gestos manuais e a direção do olhar. O trabalho é ancorado nos Estudos em Gesto e em Direção do Olhar e sua relação com a Linguística Cognitiva. A fim de demonstrar como se configuram esses articuladores em contextos narrativos no português brasileiro, selecionamos uma narrativa multimodal do “Que História é Essa, Porchat?”, do GNT. Visualizamos o nível de engajamento dos interactantes a partir dos mecanismos gestuais e a relação estabelecida com os mecanismos linguísticos e, ainda, com os mecanismos de segmentação da direção do olhar.

Palavras-chave: Gestos. Direção do olhar. Dados multimodais. Linguística Cognitiva. Interações.

Abstract: This article aims to analyze a multimodal narrative based on non-verbal communication studies, especially manual gestures and gaze direction. As a theoretical background, we have used Gesture Studies and Gaze Direction Studies considering their relation with Cognitive Linguistics. In order to demonstrate how these articulators are set in narrative contexts in Brazilian Portuguese, we have selected a multimodal narrative of the Brazilian Tv Show “Que História é Essa, Porchat?”. Results have shown the level of engagement of the interactants from the gestural mechanisms and the relationship established with the linguistic mechanisms and, still, with the mechanisms of the gaze direction.

Keywords: Gesture. Gaze direction. Multimodal data. Cognitive Linguistics. Interactions.

* Doutorando e Mestre do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), Graduado em Licenciatura em Letras Modernas pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB – Vitória da Conquista, Bahia, Brasil; euandreisboa@gmail.com

** Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Professora Adjunta do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL), Docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), ambos da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB – Vitória da Conquista, Bahia, Brasil; mairavelar@uesb.edu.br

1 INTRODUÇÃO

As interações sociais, a partir de uma perspectiva cognitivista, são analisadas de modo que se leva em consideração as maneiras com as quais o sentido, desde os bastidores da mente até as diversas modalidades de manifestação linguística, é construído. Sendo assim, é preciso analisar que, em momentos interativos, os participantes não apenas produzem sentidos, eles coordenam as suas atividades para que haja, por exemplo, a organização de sua fala com a fala de outros indivíduos em copresença. Conforme proposto por Goffman (1955, 1957, 1959, 1961, 1963, 1971, 1981), quando indivíduos compartilham a presença imediata com outras pessoas, é preciso considerar o conjunto de ações verbais e não-verbais, tais como a postura, movimento e posição corporal, volume da fala, gestos e expressões faciais. Essa proposição conversa diretamente com o que Goodwin (1981) afirma sobre o sucesso da conversação. De acordo com esse autor, para que os participantes de uma interação conversacional sejam capazes de se engajar interacionalmente, eles precisam não apenas produzir sentenças, como precisam coordenar suas falas de modo que se constitua uma organização que, por sua vez, utilize os recursos linguísticos e as competências culturais das partes engajadas nessa interação.

Ainda no que diz respeito à organização multimodal da interação, Seyfeddinipur e Gullberg (2014), por sua vez, são categóricas quando afirmam que o uso da linguagem é fundamentalmente multimodal. Nesse sentido, as autoras afirmam que os falantes podem utilizar suas mãos para apontar localizações, representar algum conteúdo presente no momento interacional e para tecer comentários ao decorrer dos turnos de fala. Sendo assim, eles posicionam seus corpos de modo que haja uma marcação da sua orientação interacional. Desse modo, do ponto de vista teórico, este trabalho propõe analisar a comunicação não-verbal, a partir de uma perspectiva cognitivista. Consequentemente, objetiva-se a análise de uma narrativa multimodal, levando em consideração dois articuladores multimodais – os gestos (Kendon, 1981, 2004; McNeill, 1992) e a direção do olhar (Sweetser; Stec, 2016) – na interação. Consideramos, portanto, os modos com os quais a interação narrativa é organizada do ponto de vista multimodal. O trabalho é organizado em outras três seções: na primeira, apresentamos os fundamentos teóricos propostos por Goffman (1955, 1957, 1959, 1961, 1963, 1971, 1981), tratando, especificamente, das noções conceituais que caracterizam a interação imediata e que influenciaram nos estudos de gestos manuais e de direção do olhar em situações interativas. Na segunda seção, apresentamos uma proposta de análise dos gestos manuais e da direção do olhar em uma narrativa multimodal enunciada no programa de televisão “Que História é Essa, Porchat?”, do canal por assinatura GNT. Na última seção, apresentamos as considerações finais e um panorama de possíveis análises futuras.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A complexidade da interação

Goffman (1963), no que diz respeito ao complexo comportamento dos seres humanos em interações face a face, afirma que a troca de palavras e olhares entre seres interactantes, que compartilham a presença em um determinado momento de interação, configura um mecanismo muito comum de comunicação social. O autor afirma ainda que os indivíduos podem compartilhar informações a partir dos

dispositivos linguísticos, como a fala e, também, com o que ele denomina como “substitutos da fala” (*speech substitutes*) (Goffman, 1963, p. 13). Os substitutos da fala compreendem, por assim dizer, outras modalidades linguísticas tais como a escrita, os sinais e os gestos. Nesse sentido, quando se pensa na interação de acordo com os pressupostos de Goffman (1963), é preciso considerar os dois aspectos distintivos da interação face a face, elencados pelo autor (Goffman, 1963, p. 17): a riqueza do fluxo de informação (*richness of information flow*) e a facilitação da resposta (*facilitation of feedback*). Esses aspectos são constitutivos do que o autor denomina como copresença e, além disso, dizem respeito a normas sociais que controlam o comportamento de pessoas que participam de um momento de interação imediata.

Conforme proposto por Goffman (1963), ainda no que se refere à copresença, é preciso diferenciar as circunstâncias variáveis com as quais ela acontece. Sendo assim, o autor apresenta as definições de reunião (*gathering*) e situação (*situation*): de acordo com ele, o termo “reunião”, em tradução nossa, se refere a um cenário de dois ou mais indivíduos no qual os indivíduos se fazem presentes mutuamente em um momento interacional (Goffman, 1963, p. 18). Já em relação ao segundo termo, o autor explica que situação se refere a todo o contexto espacial no qual entra uma pessoa que passa a fazer parte da presente reunião (Goffman, 1963, p. 18). Levando em consideração esses conceitos, Goffman (1963) define que um ou mais participantes desses momentos interacionais podem ser considerados como os responsáveis pela captura de atenção, pela orientação da atividade interacional principal, pela manutenção de turnos de fala e pela finalização do evento comunicativo.

Goffman (1955) analisou, também o fato de os indivíduos compreenderem, simultaneamente, os seus papéis na interação social. De acordo com ele, a partir do momento em que uma pessoa apresenta um turno de fala, as pessoas que compartilham a presença em um dado momento interacional, tendem a agir de modo a responder a essa ação, mantendo assim, a organização da interação. O autor afirma, ainda, que a face (e, conseqüentemente, a direção do olhar) é fundamental para a manutenção das regras da interação social (Goffman, 1955, p. 11): quando uma pessoa inicia um encontro interativo, ela, automaticamente, se posiciona em um tipo de relação social em relação aos outros indivíduos. A partir desse posicionamento, cria-se uma expectativa de como ela agirá no início, no meio e ao fim desse encontro interativo. O autor ilustra essas expectativas a partir da convenção geralmente estabelecida como as “cerimônias” de cumprimentar e se despedir de alguém. As ações que compreendem o cumprimento, segundo Goffman (1955), demonstram que uma relação entre duas pessoas ou mais permanece no mesmo nível de interação que ocorre ao final do encontro prévio. Do mesmo modo, as ações que constituem a despedida resumem o efeito do encontro entre esses coparticipantes e institui a expectativa a respeito do possível próximo encontro entre eles. Por fim, em conformidade com as características da copresença mencionadas anteriormente, no texto *Alienation from Interaction*, Goffman (1957), explica que, quando os indivíduos compartilham um momento interacional imediato, uma grande variedade de palavras, gestos e ações tornam-se disponíveis na cena que, voluntária ou involuntariamente, simbolizam seu caráter e suas atitudes.

Já em *Forms of Talk*, Goffman (1981) reflete sobre como narrativas orais, contextualizadas em um momento de interação, tendem a apresentar um padrão de organização: a introdução, que coloca em perspectiva o que está para ser contado, é o momento no qual o falante permite que seus interlocutores saibam qual história ele

narrará, levando em consideração quais aspectos da narração serão destacados e quais aspectos serão ocultados. Goffman (1981) também trata do movimento de alternância entre a interação imediata e a interação representada a partir de uma narração. Na mesma perspectiva, os comentários que fazem parte da conclusão de um evento narrativo possuem o papel de apresentarem o “ator” ao lado do “personagem” (Goffman, 1981, p. 146). Nos termos da Linguística Cognitiva, o ator corresponde ao narrador no Espaço-base e o personagem corresponde ao narrador no Espaço Narrativo, representando um dos personagens da narração.

2.2 Os gestos manuais na interação

A partir da perspectiva de Kendon (1981), compreende-se que a definição de copresença (Goffman, 1963) é fundamental para que se analise a interação face a face a partir de uma perspectiva cognitivista. Conforme explicado na seção anterior, Goffman (1963) define a copresença como qualquer ocasião na qual duas ou mais pessoas compartilham o momento interacional. Algumas ações visíveis não-verbais, de acordo com Kendon (2004), são utilizadas na realização de expressões que, do ponto de vista funcional, são similares ou idênticas a determinadas expressões da fala. A utilização dessas ações em momentos interativos é denominada por Kendon (2004) como “uso de enunciados” das ações visíveis que constituem o domínio dos gestos. Sendo assim, o autor define como “gestos” as ações visíveis que são utilizadas como um enunciado ou como parte de um enunciado. Os enunciados, na perspectiva de Kendon (2004, p.7), referem-se “a qualquer conjunto de ações que são consideradas como uma tentativa de dar informação de algum tipo”. É nesse sentido que se compreende as contribuições de Goffman (1963) para os estudos de gestos: baseado na afirmação de que os indivíduos podem compartilhar informações a partir dos dispositivos linguísticos, Kendon (2004) explica que, quando as pessoas estão presentes em uma situação interacional, elas sempre oferecem informação a respeito de suas intenções e de seu status como seres sociais. No que se refere aos gestos, de forma mais específica, Kendon (2004) argumenta que eles constituem uma denominação para as ações que possuem traços de uma manifestação de expressividade deliberada.

A partir dessa concepção, Kendon (2004) define que uma unidade natural da ação gestual se inicia quando a mão inicializa a excursão a partir da posição de descanso e termina quando a mão retorna à posição de descanso. Assim, ele propõe que, tipicamente, a excursão gestual é constituída pelas seguintes fases: 1) preparação, a fase na qual a mão, em uma determinada configuração de formato, se movimenta, da posição de descanso até o núcleo gestual; 2) núcleo gestual (*stroke*), a fase que compreende o principal movimento expressivo reconhecido como “gesto” e, por fim, 3) retração, a fase na qual a mão retorna do núcleo gestual para a posição de descanso.

A fim de ilustrar as fases que constituem a excursão gestual (Kendon, 2004, p. 110), utilizamos, conforme a Figura 1 a seguir, a narrativa proferida pela jornalista e apresentadora Glória Maria, para o programa “Que História é Essa, Porchat?”³, na

³ Essa narrativa, assim como as subsequentes, faz parte do corpus do autor, conforme dissertação defendida com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia, em 2021 (Lisboa, 2021), cujo objetivo foi analisar a relação dos gestos manuais e da direção do olhar em narrativas multimodais do Português Brasileiro. Todas as narrativas foram coletadas do canal do *Youtube* do programa “Que História é Essa, Porchat?”, do canal GNT.

qual ela relata o momento em que se deparou com um senhor de idade passando mal no chão e resolveu ajudar. No programa, o ator, humorista e apresentador Fábio Porchat convida três personalidades da televisão e da música para que eles contem histórias divertidas e surpreendentes. Em termos de disposição espacial, o cenário do programa possibilita que os quatro indivíduos (os três convidados e o apresentador) interajam em um semicírculo que emula uma roda de conversa.



Fonte: Dados do pesquisador com base em Kendon (2004, p. 110)/canal do *Youtube* do Programa “Que História é Essa, Porchat?”, da GNT⁴.

Figura 1 – As três fases da Excursão Gestual.

- | | | |
|----|-----|--|
| A) | GM: | 01 a gente pegou
02 deixou ele no hospital
03 foi deixou ele lá com os médicos |
| B) | | 04 e voltamos para [o nosso caminho]
05 [gesto] |
| C) | | 06 ficamos lá em cima |

FLP 24(2)

Na Figura 1, verifica-se que Glória Maria produz um gesto de apontar com as duas mãos laterais, em um movimento ascendente que, por sua vez, se justifica pelo fato de ela descrever o trajeto da cadeia montanhosa do Himalaia, local onde ela encontrou o senhor. O gesto, representado pelas setas amarelas, coocorre com o segmento “o nosso caminho”, conforme é possível observar na transcrição que segue o sistema de transcrição GAT 2 (Selting et al., 2009)⁵. Nesse momento, a apresentadora, a partir do gesto de apontar, evoca uma instância física imaginária – o caminho ao longo do Himalaia – que estava presente no evento narrado. Em A, é possível verificar a fase de preparação do gesto, na qual as mãos saem da posição de descanso que, no caso dessa interação, se situa no colo da narradora. Em B, consegue-se visualizar o núcleo gestual que se configura como o momento em que ela produz o gesto de apontar, propriamente dito. Em C, visualiza-se a fase em que as mãos retornam à posição de descanso. A narradora recria, dessa maneira, a referência dêitica em termos da disposição espacial e sua participação no momento narrativo, ou seja, nesse momento, ela reconstituiu a si mesma como uma narradora, autora e responsável (Goffman, 1981, p. 144) de suas palavras e atitudes dentro do Espaço Narrativo.

É notável, portanto, que, no contexto conversacional, no que diz respeito à modalidade gestual, os núcleos gestuais tendem a ocorrer concomitantemente com o

⁴ Citado 30 mar. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=b6FFDHaGQsQ&t=74s>.

⁵ O sistema GAT 2 (*Gesprächsanalytisches Transkriptionssystem*) (Selting et al., 2009), em português, Sistema de Transcrição para Análise da Conversa que, de acordo com Schröder e colaboradores (2016) “é um sistema de transcrição para notação da fala e prosódia da fala-em-interação cotidiana autêntica a transcrição das ocorrências analisadas” (Schröder et al., 2016, p. 8).

centro da informação de uma unidade de fala. Isso constitui o que Kendon (2004, p. 128) define como uma “realização” que só é possível a partir do ajuste mútuo entre a modalidade verbal e a produção de uma frase gestual complexa, quando, por exemplo, a fala é, naturalmente, desacelerada, para acompanhar o núcleo gestual. Em concordância com essa definição de Kendon (2004), McNeill (1992) propõe que o gesto, em relação ao segmento de fala coexpressivo, pode estar posicionado de quatro maneiras: 1) pré-colocado, quando o núcleo gestual acontece antes do centro da informação expresso pela fala; 2) paralelo, quando o núcleo gestual acontece simultaneamente ao centro da informação na modalidade verbal; 3) pós-colocado, quando o núcleo gestual é produzido depois do segmento de fala e 4) gesto sozinho, quando o núcleo gestual acontece sem a fala. No quadro a seguir, é possível visualizar a ilustração da relação da posição gestual com o segmento de fala em uma narrativa multimodal:

Quadro 1 – Posição gestual em relação ao segmento de fala.

Ocorrência	Posição Gestual	Descrição Gestual
<p>Ocorrência 1</p> 	<p>Pré-colocado [gesto] RIA das piAdas DEle</p>	<p><<as duas mãos com as palmas laterais e paralelas, realiza um movimento descendente>></p>
<p>Ocorrência 2</p> 	<p>Paralelo faz um [brinquINHO] menor [gesto]</p>	<p><<levantando ambas as mãos em direção à sua própria orelha e seus dedos indicadores e polegares corporificam um brinco pequeno em cada lado do seu rosto>></p>
<p>Ocorrência 3</p> 	<p>Pós-colocado é:: garÇOM [gesto]</p>	<p><<dedo indicador apontado para cima>></p>
<p>Ocorrência 4</p> 	<p>Gesto sozinho [sem fala] [gesto]</p>	<p><<dedo indicador para cima em um movimento repetitivo da esquerda para a direita>></p>

Fonte: Dados do Pesquisador com base em McNeill (1992)/canal do Youtube do Programa “Que História é Essa, Porchat?”, da GNT⁶.

⁶ Citado 30 mar. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=knZomsaToOQ>.

A narrativa escolhida para ilustrar a relação entre o núcleo gestual e o segmento de fala coexpressivo foi proferida pela atriz Marisa Orth, também para o programa “Que História é Essa, Porchat?”. A atriz narrou para o apresentador e para os outros convidados do programa, o momento no qual ela sai para jantar com um homem e descobre que ele escondia o fato de ser casado. As ocorrências apresentadas no Quadro 1 não se encontram na ordem cronológica da narrativa, uma vez que didaticamente, preferimos seguir a ordem de McNeill (1992).

Na primeira ocorrência, é possível observar que o gesto é realizado com as duas mãos abertas em uma posição lateral, com as palmas paralelas. O movimento realizado pelas mãos é descendente, ou seja, para baixo, e confirma o teor imperativo do segmento de fala que, nesse caso, representa uma personagem que deu conselhos para a atriz no momento anterior ao jantar. No que diz respeito, mais especificamente, à relação entre as modalidades verbal e gestual, o formato das mãos instância a ideia abstrata de “piada” como um objeto marcado no espaço físico. Trata-se, portanto, de um gesto pré-colocado pois o núcleo gestual coocorre com o segmento anterior à informação central do segmento de fala – que, nesse caso é o sintagma nominal “piada”.

Na ocorrência 2, é possível visualizar que o gesto é realizado a partir da combinação dos dedos indicador e polegar em ambas as mãos, representando um gesto considerado clássico para os estudiosos de gesto que representa medidas e quantidades pequenas. A relação que se estabelece entre o gesto e a fala se constitui na corporificação realizada pelas mãos de um objeto físico da narração que, nesse caso, representa um brinco pequeno. Nos termos de McNeill (1992), trata-se de um gesto paralelo ao segmento de fala, pois eles coocorrem. Assim como na ocorrência anterior, esse segmento de fala também diz respeito à fala da personagem que orientou como Marisa Orth deveria se comportar e se vestir na ocasião do encontro.

Na ocorrência 3, o gesto é realizado com o dedo indicador, em um movimento ascendente, ou seja, para cima, em direção à direita do espaço físico. É possível verificar, também, que, nesse momento, o núcleo gestual ocorre momentos depois que a narradora enuncia o sintagma “garçom”, o que caracteriza um gesto pós-colocado. Esse gesto se refere à reencenação realizada pela narradora no momento em que a personagem do rapaz com o qual saiu pra jantar chama o garçom.

Por fim, na ocorrência 4, é possível observar um gesto que, nos termos de McNeill (1992), é definido como um gesto sozinho, uma vez que ele não possui um segmento de fala coexpressivo. No caso dessa narrativa, a narradora reencena o momento no qual o personagem do rapaz com quem ela saiu pergunta se ela bebe. Sendo assim, a resposta de Marisa Orth a essa pergunta é manifestada somente a partir da modalidade gestual, com um gesto realizado com o movimento repetitivo do dedo indicador para a esquerda e para a direita.

A partir das análises dos gestos que emergem na copresença entre indivíduos em um momento interativo, Kendon (1983) afirma que o padrão de movimento de um gesto – assim como seu formato e orientação – não se resume à referência do conteúdo expresso pela fala. Contrariamente, o autor define que os gestos, assim como a fala, estão situados em espaços, o que resulta em uma relação intrínseca com a estrutura interacional do cenário espacial. A fim de ilustrar esse fenômeno, Kendon (1983, p. 30) sugere que componentes cinéticos que acompanham a fala participam simultaneamente no sistema contextual e no sistema locacional pelo qual o participante

mantém a sua localização no espaço físico da interação e captura a atenção de seus interlocutores.

2.3 A direção do olhar na interação

Em consonância com as discussões realizadas por Goffman (1963, 1971), Kendon (1967, 1981) afirma que analisar a direção do olhar como instrumento de comunicação não-verbal em momentos de interação é muito produtivo, uma vez que determinados padrões de comportamento do olhar configuram-se como uma ferramenta pela qual é possível adquirir informação. Essa afirmação é resultado de vários estudos que utilizam como lente teórica a Linguística Cognitiva e que consideram os olhos como um objeto de estudo de muita saliência no processo de captura de atenção e interesse. Kendon (1967, 1981), com base em Goffman (1963, 1971), conclui ainda que a direção do olhar é uma evidência de como está estabelecida a atenção de indivíduos em um momento interativo.

Levando em consideração os papéis atribuídos à direção do olhar na interação, Rossano (2012) afirma que vários trabalhos se dedicaram a analisar a relação entre o olhar e os papéis de participação, tais como falantes e ouvintes, considerando o *framework* de participação (Goffman, 1981), pois a noção de que o olhar se relaciona com o papel de participação é muito comum na literatura: diversos autores acreditam que, nas interações dialógicas, as pessoas tendem a olhar com mais frequências para os participantes no momento em que eles estão falando. Esse trabalho contextualiza, portanto, os diferentes tipos de ouvintes que podem surgir em situações sociais. Por um lado, Goffman (1981) estabelece uma distinção entre o que ele denomina como participantes oficiais e ouvintes não-oficiais. Entre os participantes oficiais são distinguidos i) os ouvintes endereçados e ii) ouvintes não-endereçados. Já entre os participantes não-oficiais ele elenca i) os espíões (*eavesdroppers*); ii) ouvintes por acaso (*overbearers*); iii) espectadores (*bystanders*) e iv) públicos (*audiences*). Em contrapartida, Rossano (2012) demonstra que dentro da categoria dos ouvintes endereçados, é possível verificar os níveis de engajamento dos ouvintes de uma interação.

Ainda no tocante à interação, Rossano (2012), com base em duas regras propostas Goodwin (1980, 1981), que se referem ao comportamento do olhar na conversação, afirma que o comportamento visual dos participantes na interação é mais interrelacionado do que independente no que diz respeito aos turnos de fala. As regras são: “1) um falante deve obter o olhar de seu receptor durante o curso de turnos de fala⁷” (Goodwin, 1980, p. 275, tradução nossa) e 2) “um ouvinte deve direcionar seu olhar ao falante quando este direcionar seu olhar ao ouvinte⁸” (Goodwin, 1981, p. 57, tradução nossa). Em outros termos, se o ouvinte direciona seu olhar, na maior parte do tempo, o falante o encontrará olhando de volta, toda vez que olhar para o ouvinte. Se o ouvinte não estiver olhando para o falante, o falante possui recursos para solicitar o olhar do ouvinte.

O autor menciona, ainda, que existem trabalhos que focalizam outro aspecto do olhar. Nesse contexto, Sweetser e Stec (2016) afirmam que, em narrativas, é possível observar que o olhar possui um papel fundamental, que permite que o narrador se engaje, concomitantemente, em mais de um nível de construção de sentido. De acordo

⁷ No original: “A speaker should obtain the gaze of [her] recipient during the course of a turn at-talk”.

⁸ No original: “A recipient should be gazing at the speaker when the speaker is gazing at the hearer”.

com as autoras, com base na Teoria dos Espaços Mentais (Fauconnier, 1994, 1997), o fato de uma narrativa ser contada no tempo passado se constitui como uma evidência de que os eventos narrados não dizem respeito ao aqui-agora do Espaço-base, mas sim, do Espaço Narrativo, cujo conteúdo, em relação ao Espaço-base, é passado. Ainda de acordo com as autoras, os articuladores multimodais da comunicação não-verbal, mais precisamente a direção do olhar, que representam os eventos da narração estão alocados no Espaço Narrativo, enquanto os articuladores multimodais que marcam a interação no aqui-agora estão alocados no Espaço-base.

A fim de ilustrar esse funcionamento da direção do olhar como marcador de Espaço-base e Espaços Narrativos, conforme Quadro 2, escolhemos a narrativa proferida pela atriz Letícia Spiller, também no programa “Que História é Essa, Porchat?”, na qual ela relata as estratégias que utilizava para se esquivar, quando adolescente, do árduo trabalho de ser assistente de palco da apresentadora Xuxa Meneghel.

Quadro 2 – Funcionamento da Direção do Olhar como marcador de Espaço-base e Espaços Narrativos.

Ocorrência	Marcação da Direção do Olhar
<p>Ocorrência 1</p> 	<p>Espaço-base</p> <p>Sempre fui uma pessoa que... Eu sempre prezei os prazeres da vida, assim.</p>
<p>Ocorrência 2</p> 	<p>Espaço Narrativo</p> <p>Aí eu falei “não, gente, pro México, acabei de sair de uma crise de asma, eu não sei se eu sou capaz... Preciso ficar aqui, eu quero fazer teatro”</p>

Fonte: Dados do Pesquisador/canal do *Youtube* do Programa “Que História é Essa, Porchat?”, do GNT⁹.

Na ocorrência 1, a narradora está apresentando aos interlocutores o plano de fundo da narrativa. No que diz respeito à direção do olhar, ela interage com o apresentador do programa que está posicionado à sua direita. Nesse momento, trata-se de uma interação no Espaço-base, pois a referência está mediada no aqui-agora. Já na ocorrência 2, a narradora está reencenando o seu eu-passado, o momento em que o evento aconteceu. Essa reencenação constitui o eu-passado como uma das personagens da história e, nesse caso, representa a situação na qual ela diz à sua chefe – a apresentadora Xuxa – que precisará se ausentar de uma viagem devido a uma crise

⁹ Citado 30 mar. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=A5gEjc_VmcQ&t=62s.

de asma. Em suma, a narradora representa o conteúdo do Espaço Narrativo, direcionando seu olhar para lugares específicos do espaço físico a depender da necessidade de reencenação. Conforme explicam Sweetser e Stec (2016), esse fenômeno é explicado a partir da representação de diferentes Espaços Mentais, utilizando o quadro teórico proposto por Fauconnier (1994 [1985]). Com base na definição de copresença de Goffman (1963), é possível verificar que esses padrões de direção do olhar na interação representam evidências de como os interactantes utilizam estratégias para manter a direção de atenção.

3 A RELAÇÃO DOS GESTOS E DA DIREÇÃO DO OLHAR NA INTERAÇÃO: ANÁLISE DE UMA NARRATIVA MULTIMODAL

As contribuições de Goffman (1955, 1957, 1959, 1961, 1963, 1971), apresentadas nas seções anteriores, evidenciam o lugar do funcionamento comunicacional das ações humanas em interações como protagonista dos estudos em comunicação não-verbal. Nesta seção, apresentamos a análise proposta: teoricamente, este trabalho propõe evidenciar as contribuições de Goffman para os estudos em comunicação não-verbal, a partir de uma perspectiva cognitivista. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é analisar 3 (três) ocorrências de uma narrativa multimodal, levando em consideração dois articuladores multimodais – os gestos (Kendon, 1981, 2004; McNeill, 1992) e a direção do olhar (Sweetser; Stec, 2016) – na interação. Consideramos, portanto, os modos com os quais a interação narrativa é organizada do ponto de vista multimodal.

A narrativa escolhida para esta análise foi ao ar no dia 22 de março de 2021, na terceira temporada do programa “Que História é Essa, Porchat?”, e se refere à apresentadora Xuxa Meneghel, que conta para os seus interlocutores a sua rotina na época em que fazia shows ao redor do país. Especificamente nessa narrativa, ela relata como sua equipe a mantinha presa nos quartos de hotel e como, em um determinado dia, alguns de seus fãs forçaram o aparelho de ar-condicionado, na tentativa de invadir o quarto da artista, que ficou assustada e pulou a janela. Levando em consideração a disposição espacial do programa, a Figura 2, a seguir, ilustra o modo com o qual o cenário do programa posiciona o apresentador e os convidados:



Fonte: Dados do Pesquisador/canal do Youtube do Programa “Que História é Essa, Porchat?”, da GNT¹⁰.

Figura 2 – Disposição espacial do programa “Que História é Essa, Porchat?”.

Na Figura 2, é possível observar alguns elementos importantes que constituem a configuração espacial da narrativa com a qual trabalhamos: representada por A, visualiza-se a narradora em questão, a apresentadora Xuxa Meneghel; representado por

¹⁰ Citado 25 mar. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eymju7HTf7s>.

B, o apresentador do programa que, na maioria das vezes, desempenha o papel de mediador da conversação, pois ele conhece previamente as histórias que serão narradas, atribuindo conexões entre elas e direcionando os turnos de fala; representados por C e D, respectivamente, visualiza-se o padre Fábio de Melo e a cantora Manu Gavassi, os outros convidados do programa. Conforme mencionado anteriormente, a narradora relata a angústia de estar presa dentro de um quarto de hotel com fãs tentando adentrar. Em termos de papéis desempenhados pela narradora, verifica-se que ela reencena seu eu-passado – isto é, ela mesma no evento da narração –, os fãs na porta, cujos rostos ela não viu, e sua equipe de segurança, que tinha o hábito de trancá-la no quarto. Outro fator importante na configuração espacial representada pela Figura 2 é que, diferentemente das narrativas apresentadas nas seções anteriores, cujas transmissões ocorreram na primeira temporada, não há plateia, em virtude dos protocolos de segurança referentes à pandemia de COVID-19.

De acordo com as proposições teóricas de Goffman (1963), no que diz respeito à copresença, verificamos que se trata de uma reunião, uma vez que Fábio Porchat, Xuxa e os demais convidados se fazem presentes mutuamente em um momento interacional. É preciso considerar, ainda, que, embora se perceba que a disposição espacial tanto dos convidados como das câmeras pretende emular uma roda de conversa que inclua os telespectadores como ouvintes não endereçados, ainda se trata de um programa de televisão cujo objetivo é muito específico: entretenimento. Sendo assim, levando em consideração a definição de Goffman (1963) em relação aos participantes que podem ser considerados como os responsáveis pela captura de atenção, pela orientação da atividade interacional principal, pela manutenção de turnos de fala e pela finalização do evento comunicativo, verifica-se o papel desempenhado pelo apresentador do programa. Partindo agora para a análise específica de ocorrências pertencentes à narrativa, escolhemos três excertos, ilustrados nas Figuras 3, 4 e 5, a seguir.

Na Figura 3, apresentamos a representação multimodal da primeira ocorrência de análise. Consideramos essa ocorrência representativa, pois, nesse momento, a apresentadora Xuxa direciona seu olhar e o seu corpo a um dos seus interlocutores imediatos e apresenta o plano de fundo de sua narrativa, indicando, conforme é possível verificar na transcrição, os personagens envolvidos na situação comunicativa.



Fonte: Dados do Pesquisador/canal do *Youtube* do Programa “Que História é Essa, Porchat?”, da GNT.

Figura 3 – Ocorrência 1.

- XM 01: é assim, gente
 02: deixa eu falar pra vocês, pra::
 03: primeiro me explicando
 04: porque as pessoas de repente não vão entender
 05: quando a gente fazia show, é::
 06: normalmente, a gente pegava o andar todo
 07: botava um segurança
 08: sempre ficava um segurança na minha porta
 09: com uma cadeira sentada
 10: e a Marlene tinha o costume de [me trancar]
 11: [gesto]
 12: e levar a chave

No que diz respeito a essa ocorrência, notamos que a primeira frase é iniciada com um gesto, representado pela seta amarela, que encena, a partir da mão configurada em punho, o momento em que sua equipe, na figura de Marlene Mattos, empresária de Xuxa na época, trancou a apresentadora em um quarto de hotel. Trata-se, portanto de um gesto paralelo, pois ele coocorre com o segmento de fala “me trancar”. A direção do olhar, representada pela seta vermelha, por sua vez, indica a marcação do Espaço-base, já que Xuxa está interagindo, nesse momento, com o apresentador do programa. Ainda, de acordo com Goffman (1963), a falante/gesticuladora exerce o papel de narradora. A seguir, apresentamos a representação multimodal da segunda ocorrência.



Fonte: Dados do Pesquisador/canal do *Youtube* do Programa “Que História é Essa, Porchat?”, da GNT.

Figura 4 – Ocorrência 2.

- XM 01: e aí, eu tô eu lá deitada
 02: e eu comecei a ouvir um barulho
 03: uma pessoa falando assim
 04: a gente vai abrir, [a gente vai empurrar]
 05: [gesto]
 06: a gente vai conseguir entrar

Nessa ocorrência, a narradora relata o momento em que percebe que, além de estar trancada para dentro do quarto, alguns de seus fãs estão forçando, do lado de fora, o aparelho de ar-condicionado, na tentativa de entrarem. O gesto, representado pelas setas amarelas, coocorre com o segmento de fala “a gente vai empurrar” – o que o caracteriza como um gesto paralelo – em um movimento descendente. O formato das mãos em punho é um aspecto importante dessa análise: ele reencena as

personagens que estavam na porta do quarto de hotel, tentando invadir o quarto da apresentadora, como se ela reencenasse as mãos das personagens segurando e forçando uma entidade física. Em relação à direção do olhar, verificamos que se trata de uma marcação do Espaço Narrativo, já que a narradora não direciona seu olhar para nenhum dos interlocutores e reencena o olhar das mesmas personagens reencenadas pelos gestos. A seguir, apresentamos a representação multimodal da ocorrência 3:



Fonte: Dados do Pesquisador/canal do Youtube do Programa “Que História é Essa, Porchat?”, da GNT.

Figura 5 – Ocorrência 3.

- XM 01: eu me lembro que antes de eu entrar
 02: os seguranças entravam
 03: olhavam pra ver se tinha [gente embaixo da cama]
 04: [gesto]
 05: se tinha gente no armário

FLP 24(2)

Nessa ocorrência, a apresentadora descreve a rotina de segurança que sua equipe mantinha na época em que fazia shows pelo país. Um dos protocolos de segurança exigia que sua equipe revistasse embaixo da cama e dentro dos armários à procura de algum invasor. O gesto, representado pelas setas amarelas, realizado com ambas as mãos com a palma para cima em um movimento que inicia de fora do corpo e, no núcleo, direciona para o centro e para baixo. O gesto coocorre com o segmento de fala “gente embaixo da cama”, o que o caracteriza como um gesto paralelo. O fato de o gesto corporificar a instância física “embaixo da cama” constitui a relação entre o gesto e a fala nesse caso. Em relação à direção do olhar, assim como na ocorrência 1, marca o Espaço-base, uma vez que Xuxa está olhando para Fábio Porchat, marcando, também a interação imediata.

Foi possível observar, nas ocorrências representadas anteriormente, que o olhar direcionado a uma pessoa específica, conjuntamente com um gesto manual, é uma maneira muito pervasiva, intuitiva e evidente para iniciar uma interação face a face. De acordo com Goffman (1963), a direção do olhar, seja ela lançada para uma pessoa específica, ou, até mesmo para longe de uma pessoa específica, é um recurso fundamental para a iniciação ou inibição de um momento interacional, revelando, ainda, que o estabelecimento de entreolhares como uma condição necessária para que se haja a interação social ratificada (Goffman, 1963).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os gestos e a direção do olhar estão diretamente relacionados à comunicação de informações (Goffman, 1963). Este trabalho enfocou os gestos e a direção do olhar, levando em consideração os estudos de Goffman a respeito da interação face a face e sua relação com a organização multimodal de narrativas e a cognição. Foi possível observar também, as consequências socio-interativas da modalidade gestual e visual e como elas moldam as interações imediatas. De acordo com Kendon (2004, p. 354, tradução nossa), “essa evidência contribui para observar como os modos de comunicação se desenvolvem de forma adaptativa”¹¹.

No caso das interações apresentadas neste trabalho, conseguimos visualizar também o nível de engajamento dos convidados do programa a partir dos mecanismos gestuais e a relação estabelecida com os mecanismos linguísticos e, ainda, com os mecanismos de segmentação da direção do olhar. Uma das principais contribuições do nosso trabalho é a de permitir que análises vindouras possam investigar a correlação entre os gestos e a direção do olhar a partir de uma perspectiva não apenas interacional, mas também cognitiva.

REFERÊNCIAS

- Fauconnier G. *Mental spaces*. Cambridge: Cambridge University Press; 1994.
- Fauconnier G. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press; 1997.
- Goffman E. On facework. *Psychiatry*. 1955;18:213-231.
- Goffman E. Alienation from interaction. *Human Relations*. 1957;10:47-59.
- Goffman E. *The presentation of self in everyday life*. Garden City, N.Y.: Doubleday; 1959.
- Goffman E. *Encounters*. Indianapolis: Bobbs-Merrill; 1961.
- Goffman E. *Behavior in public places*. New York: The Free Press of Glencoe; 1963.
- Goffman E. *Relations in public*. New York: Basic Books; 1971
- Goffman E. *Forms of talk*. Philadelphia; 1981.
- Goodwin C. *Conversational organization: interaction between speakers and hearers*. [local desconhecido]: [editora desconhecida]; 1981.
- Kendon A. Some functions of gaze-direction in social interaction. *Acta psychologica*. 1967;26:22-63.
- Kendon A. *Nonverbal communication: interaction and gesture*. The Hague: Mouton Publisher; 1981.
- Kendon A. The study of gesture: some remarks on its history. In: *Semiotics 1981*. Boston, MA: Springer; 1983. p. 153-164.
- Kendon A. *Gesture: visible action as utterance*. Cambridge: Cambridge University Press; 2004.
- Lisboa A. *Análise cognitiva dos gestos e da direção do olhar em narrativas multimodais do português brasileiro [tese]*. UESB; 2021. [citado dia mês ano]. Disponível em:
- McNeill D. *Hand and mind: what gestures reveal about thought*. University of Chicago Press; 1995[1992].
- Rossano MJ. The essential role of ritual in the transmission and reinforcement of social norms. *Psychological Bulletin*. 2012;138(3):529–549.

¹¹ No original: “such evidence contributes to the view that modes of communication develop adaptively”.

Schröder U, et al. Um sistema para transcrever a fala-em-interação: GAT 2. *Veredas Atemática*. 2016;20(2):6-61.

Seyfeddinipur M, Gullberg M, editores. *From gesture in conversation to visible action as utterance: essays in honor of Adam Kendon*. [local desconhecido]: John Benjamins Publishing Company; 2014.

Sweetser E, Stec K. Maintaining multiple viewpoints with gaze. In: Dancygier B, Lu W, Verhagen A, editores. *Viewpoint and the fabric of meaning*. [local desconhecido]: Mouton de Gruyter; 2016.

FLP 24(2)